

Brasília, DF **CORREIO BRAZILIENSE**

Poderia ser apenas — e quanta coisa já não seria — a capital do Brasil esta cidade que recebe Barack Obama e família. Uma metrópole monumental, é verdade. Uma obra de arte a céu aberto. Ou um céu esplêndido que repousa sobre a genial obra de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão e muitos outros — é sempre tão injusto restringi-la a uma dupla ou a um trio, ainda que sejam artistas fantásticos. Brasília é mais, muito mais. Qualidade de vida, maior renda per capita, patrimônio mundial da humanidade. É, sobretudo, sede do poder e de tudo o que ele representa. E a visita protocolar, mas um tanto simbólica do homem mais poderoso do mundo, é oportunidade ímpar para mostrar sua vocação. A política está em nós, para o bem e para o mal.

Abrigar os Poderes da República, as representações diplomáticas e tudo o mais nos confere prestígio. Devemos nos orgulhar e celebrar essa importância, embora tal status muitas vezes seja um estorvo. A cidade é vista com preconceito, como metáfora de corrupção. Antes, apenas porque era a hospedaria dos políticos desonestos. Depois, porque tornou-se o berço de uma corja, que passou os últimos 25 anos aprofundando suas raízes e sugando o potencial e a riqueza da capital. Neste ano, Brasília comemora as bodas de sua autonomia política. No ano do histórico badernaço contra o Plano Cruzado II, pouco antes dele, a cidade foi às urnas pela primeira vez. Era chegado o momento de se livrar dos biônicos.

Foi uma conquista sem precedentes. É uma questão de respeito mantê-la intacta e em nenhum momento deixá-la ser questionada. A despeito de que o legado de nossa recente democracia seja uma espécie de Frankenstein, um monstro fabricado e posto em funcionamento por mentes criminosas e corações que palpitam tão longo avistem um bolo de dinheiro — se for sujo, melhor. Não foi pouco o que roubaram nesses 25 anos. Campanhas políticas milionárias, mudanças de destinação de áreas públicas, grilagem de terras, a sanha imobiliária, os cabides de emprego.

Os políticos se enfronharam nas corporações ou vice e versa. Sob o pretexto de fazer mais pelos seus, eles trocaram o pronome: fizeram pelos “meus” — bolsos, sobretudo. Os efeitos colaterais dessa e de outras inversões vieram logo. A Caixa de Pandora é fruto dessa safra. Aos pouquinhos, a semente germina em novas e sucessivas denúncias. Denunciantes e denunciados ganham estranha semelhança, pois numa hora são réus, noutra são os delatores. O ex-governador José Roberto Arruda rompe o silêncio e leva desconfortável desconfiança para os caciques do DEM. Tenho a impressão que muito mais gente será incomodada, inclusive a população de Brasília, que está muito longe da maturidade democrática. Será um longo caminho até a política local sobreviver ao jugo das chantagens e ameaças, e dar um exemplo mais sadio de convivência com o poder. Tal como deve ser.